

17-05-2021

Coincidências indesejáveis

Angelo Bernardo M. Offen

[Cientista Social e das Humanidades - Algarve / Portugal]

Estive cá a conversar, recentemente, com alguns amigos da Federação Portuguesa de Surf, sobre os surfistas brasileiros no top do ranking mundial. Num belo domingo ensolarado, entre uma onda e outra de Arrifana, aqui no Algarve, falávamos da recente hegemonia brasileira.

Pois que pela primeira vez na história do surf temos três brasileiros nos três primeiros lugares do ranking: Gabriel Medina; Ítalo Ferreira; Filipe Toledo (por ordem, agora em maio). Inclusivamente, no surf feminino está a ocupar o 2º lugar do ranking uma também brasileira: Tatiana Weston-Webb. Já ao pôr-se do sol fomos a cavaquear numa garrafeira, temperando-nos todos com um bom vinho.

Lá pelas tantas, sabedor do interesse de meus três convivas sobre os andamentos da política internacional e já pensando na aula que eu teria que estar a ministrar no dia seguinte, provoquei-os com uma pergunta: “Ó Pá, não vos parece uma coincidência esta hegemonia brasileira desportiva nos tempos atuais?” Deleitei-me com o momentâneo silêncio dos meus compinchas.

Entreolharam-se e deram de ombros, como a dizerem que não haviam pensado no tema. Um deles esteve a me interpelar sobre o meu teor ético. Comecei a vincular meus argumentos... Sempre a pensar na aula vespertina do dia seguinte, queria validar minhas hipóteses com meus camaradas surfistas intelectuais amigos.

Há quem ache que surfista não pensa, apenas surfa.

Eu mesmo já até acostumei-me com o equívoco e se retruco dizendo que penso, principalmente quando estou a preparar minhas aulas de ciências sociais, muitos gajos espantam-se. Mas finjo que não me apercebo... Apreciam-me essas peripécias ingênuas. Feito lá um silêncio de tilintar de copos, pus-me a discorrer sobre as hipotéticas coincidências. Disse-lhes que nem estávamos neste mundo quando na Copa do Mundo de 1966, Portugal e Brasil fizeram um jogo épico nos campos ingleses.

Lá não estávamos, mas tudo de lá sabemos todos.

Nosso compatriota moçambicano Eusébio esteve lá para destronar o Rei Pelé. Dizem que nosso beque Moraes caçou o rei brasileiro em campo, a ponto de aleijá-lo e alijá-lo.

Não creio que tenha sido tanto. Fato é que com dois goales de Eusébio impusemos ao Brasil um Portugal 3X1 histórico.

É bom vos lembrar que o Brasil vinha de ser bicampeão mundial (1958 e 1962) e, em 1966, já havia sido rompida a democracia no Brasil. Esta ruptura deu-se com a ditadura sangrenta imposta em 1964.

Pois que em plena ditadura interferências políticas sobre o escrete brasileiro já se faziam sentir, a ponto deste ter ido a Londres sob estas. Desafortunadamente, em 1968, o Brasil decretou o mais duro ato de arbítrio e autoritarismo, o chamado Ato Institucional Nº 5 (AI-5). E eis que em pleno Estado de exceção, o Brasil vai ao México, para a Copa do Mundo de 1970. O técnico (João Saldanha) que montou uma das melhores seleções de foot-ball do mundo de todos os tempos era filiado ao perseguido Partido Comunista e, por obviamente, foi impedido de em lá se manter.

Pois não é que, coincidência, foi a primeira Copa do Mundo a ser televisionada para todo o planeta. Eu de minha parte vi todos os jogos do Brasil, muitos anos depois.

Enquanto lá estavam os grandes do foot-ball brasileiro, a ditadura militar torturava e matava seus opositores.

À exceção daqueles maravilhosos artistas do desporto, todos os demais artistas cantantes, atores, escritores, jornalistas, poetas, chargistas estavam a exilar-se ou a calar-se, quando não presos ou mortos, ante o impiedoso regime assassino. Perante o mundo e a mídia internacional, foi com o escrete de 1970 que o Brasil ganhou a fama de hegemonia mundial no referido desporto.

Pois, ora Pá, pensemos que o Brasil atualmente está a despontar como potência desportiva mundial no surf.

Em matéria de hegemonias desportivas, a não me enganar, temos a do futebol em 1970 e agora, em 2021, a do surf.

Se mais houverem hegemonias desportivas brasileiras em outros tempos enchem suas taças de vinho, pensem com calma, e façam-me recordar. E quais coincidências, pois não, em minha pergunta inicial desta cavaqueada?

O Brasil, atualmente, vive em estado de alerta permanente quanto a uma ruptura democrática. Seu presidente, Jair Bolsonaro, de perfil claramente fascista, é um defensor intransigente da ditadura militar brasileira daquele período (1964-1985). Cita, de forma ameaçadora, frequentemente, o AI-5, pela voz de seus filhos e seus seguidores, e tem como seu ídolo e herói nacional um dos maiores torturadores daquele período. Quando do retorno da seleção futebolística brasileira ao país, depois da conquista de 1970, o ditador da época, Emílio Garrastazu Medici, recebeu-a em Brasília. Enquanto a Taça Do Mundo, em ouro maciço, corria de mão em mão, da mão do ditador escorria sangue que o ouro apagava. Tempos depois quando a taça foi roubada e derretida, deviam estar lá misturadas ao ouro as listras de sangue dos assassinados e desaparecidos que o ditador escorrera naquele dia. Nem os ladrões devem ter entendido... E agora, na hegemonia do surf, temo que os brasileiros ao se deixarem fotografar ao lado de Jair Bolsonaro, sujem suas pranchas de sangue.

Os futebolistas brasileiros fizeram a sua parte, os surfistas brasileiros estão fazendo a sua, mas e os queridos patrióticos brasileiros quando vão fazer a deles? ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.